

A causa do outro



Por Paulo Fernandes Silveira*

“A marca dos movimentos realmente libertadores é sempre a inclusão e a ampliação” (Marilena Chaui)

“A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida” (Marcelino Freire)

Em um de

seus textos para a coletânea *Maio de 68*:

a *brecha*, Edgar Morin destaca o impacto das cenas de extrema violência policial nas ruas de Paris em maio de 1968, o que teria ajudado a determinar, num primeiro momento, o apoio expressivo dos franceses às manifestações estudantis:

“Professores

que repudiam toda e qualquer revolução são levados pela repressão a se solidarizarem com os estudantes. As classes médias e burguesas, constituídas por pais de estudantes secundaristas e universitários, indignam-se mais com a repressão do que se inquietam com as imprudências dos seus filhos. O batismo dos cassinetes e dos gases lacrimogêneos atrai a simpatia dos meios populares, a princípio hostis aos ‘filhinhos de papai’.” (p. 38).

Ainda que uma

parte da população compreendesse as demandas estudantis como “a causa do outro”, título de um ensaio de Jacques Rancière, presente no livro *O desentendimento*, a repressão expôs a arbitrariedade da violência estatal. Seguindo as análises de Walter Benjamin, certas situações históricas deixam claro que a violência do Estado e do direito não se justificam como um *meio* necessário para a preservação de *fins* justos, mas, isso sim, “pela intenção de garantir o próprio direito.” (Para uma crítica da violência, p. 127).

Na

sequência do ensaio, Benjamin menciona a secreta admiração do povo pelos grandes criminosos (*grosse Verbrecher*). Assim como muitos franceses apoiam as manifestações, indiferentes às causas estudantis, o povo admira os grandes criminosos, indiferente aos seus objetivos. Numa de suas análises sobre esse tema benjaminiano, Jacques Derrida afirma que o homem

vadio, marginal e criminoso, ao enfrentar o monopólio da violência do Estado, torna-se um contraEstado (2009, p. 141).

A figura do

grande criminoso parece inspirar os trabalhos do diretor Todd Phillips e do ator Joaquim Phoenix na releitura cinematográfica do Coringa (Joker). O criminoso tomado como inimigo público nº 1 também ganhou destaque na obra de Hélio Oiticica, que retratou o assassinato de um bandido carioca, nas palavras do artista: “como se sabe, o caso de Cara de Cavalo tornou-se símbolo da opressão social sobre aquele que é marginal – marginal a tudo nessa sociedade: o marginal.” (Rufinoni, Mito e violência, p. 305).

Após

inúmeras manifestações de rua, diversas barricadas, muitos debates e entrevistas com artistas e intelectuais (nos jornais e programas de televisão), uma greve geral que mobilizou sete milhões de trabalhadores e riquíssimas experiências de autogestão nas ocupações de escolas, universidades, teatros, museus e fábricas, maio de 68 terminou, também nas ruas, com uma manifestação conservadora que reuniu centenas de milhares de apoiadores do presidente e general Charles de Gaulle.

Segundo o

relato e a análise de Frank Georgi, o general construiu cuidadosamente a reação conservadora. Em certo momento, De Gaulle desaparece de Paris, criando uma expectativa sobre seus próximos passos, Georgi sugere a encenação de uma reviravolta teatral. Ao reaparecer, no dia 30 de maio, um pouco antes de instigar seus apoiadores civis a tomarem as ruas, De Gaulle faz um rápido e incisivo pronunciamento pelo rádio.

Como sinal

de sua coragem e bravura, De Gaulle afirma que fará jus a seu mandato e que não irá abandonar o povo que o elegeu. Anuncia a manutenção de Georges Pompidou no cargo de primeiro ministro, a convocação de novas eleições e a promoção de reformas na universidade e na economia. Em nome da República e da Constituição, o general alerta os franceses para a ameaça de uma ditadura. Há um grande inimigo com o qual todos devem lutar: o comunismo totalitário.

Numa ação

orquestrada, foram produzidos milhares de folhetos convocando os apoiadores do general para a manifestação. Além de entoarem a *Marseillaise*, a massa repetia aos brados: “Un seul drapeau, bleu, blanc, rouge!” (Uma única bandeira, azul, branca, vermelha!); “La France aux Français” (A França aos franceses); “Réforme oui, clientelisme non” (Reforma sim, caixas não); “Évolution sans révolution” (Evolução sem revolução) e “Paix en France” (Paz na França).

Em grande

medida, as palavras de ordem da reação conservadora atacavam as posições dos estudantes. Como analisa Olgaria Matos, com os slogans “Les frontières on s’en fout” (Que se danem as fronteiras) e “Nous sommes tous des juifs allemands” (Somos todos judeus alemães), os estudantes sustentavam uma filantropia

radical. Na interpretação de Rancière, o slogan “Somos todos judeus alemães” indica a possibilidade de “uma subjetivação aberta dos incontados.”.

Seria

possível formular várias hipóteses para tentar explicar a reação conservadora de centenas de milhares de franceses. Arrisco uma: De Gaulle contava com o patriotismo, não apenas dos seus apoiadores, mas de diversas correntes reacionárias da sociedade, por outro lado, a arbitrariedade da violência, por parte do Estado e do direito, não ataca a todos da mesma maneira e a ordem hierárquica e policial que ela garante responde aos interesses das classes dominantes.

Paulo Fernandes Silveira

é professor da Faculdade de Educação da USP e pesquisador no Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Estudos Avançados da USP

Artigo

publicado no jornal GGN

Referências

Walter Benjamin, Para uma crítica da violência. In. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). São Paulo, Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2013. p. 121-156.

Marilena Chaui. A ocupação das escolas foi Maio de 68. In. *Em defesa da educação pública, gratuita e democrática*. Belo Horizonte, Autêntica, 2018. p. 417-419.

Charles De Gaulle. 3º Discours – 30 mai 1968. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mfSN462bKMc>.

Jacques Derrida *Vadios*. Coimbra, Terra Ocre, 2009.

Marcelino Freire. Da paz.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnCWxnZjEh0>.

Frank Georgi. Le pouvoir est dans la rue. La “manifestation gaulliste” des Camps-Élysées (30 mai 1968). Disponível em https://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1995_num_48_1_4422

Olgaria Matos. Quando a poesia substituiu a prosa. Disponível em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,quando-a-poesia-substituiu-a-prosa,170594>.

Edgar Morin. A comuna estudantil. In. *Maio de 68: a brecha*. São Paulo, Autonomia Literária, 2018. p. 32-56.

Jacques Rancière. A causa do outro. In. *Margens do político*.

Lisboa, KKYM, 2014. p. 123-133. Disponível em:
<https://www.cairn.info/revue-lignes0-1997-1-page-36.htm?contenu=resume>.

Jacques Rancière. *O desentendimento*. São Paulo: Editora
34, 1996.

Manoela Rossinetti Rufinoni.

Rito e violência - vigília pelos 111, por Nuno Ramos. 2016. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202016000200298#fn17.

A Terra é Redonda